O GRITO DOS EXCLUÍDOS NO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA: BATALHAS DAS MEMÓRIAS HISTÓRICAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19[1]

Alexandre Fernandes Correa[2]

Resumo

Neste texto apesentamos as linhas gerais de pesquisa de pós-doc (PGMS/UNIRIO) sobre a produção de imagens no campo das memórias políticas. Proposta de trabalho elaborado a partir da articulação entre os conceitos de 'máquina de guerra semiótica' (Lifschitz), 'batalha das imagens' (Carvalho) e 'guerra das imagens' (Gruzinski) operados nos estudos sobre gestão da memória política e cultural no Brasil e países da América Latina. Consideramos que "as reivindicações pelos direitos fundamentais por diversos coletivos" atuam fortemente na arena pública atual na aproximação do bicentenário de Independência do Brasil (2022). Refletindo sobre estes embates, constatamos que a natureza das políticas públicas de memória no Brasil indicava uma direção fecunda - até os grupos conservadores e de extrema direita retomarem a cena política governamental. Assim, propomos esta comunicação contemplando a ascensão do projeto renovado de poder autoritário (ORVIL) e suas transformações no contexto

[1]Uma versão preliminar desse trabalho foi apresentada no 20° CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, Belém-PA, 2021. GT 10- Movimentos sociais, protestos e ativismos em contextos de crises: abordagens analíticas e empíricas, disponível em https://www.sbs2021.sbsociologia.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=470 Acesso em: 20 setembro 2021.

[2]Professor Associado em Sociologia do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé.

de intensificação das lutas pela democratização das sociedades latino-americanas. Considerando o advento da Pandemia do Covid-19, desde março de 2020, buscamos compreender os impactos desta emergência sanitária na realização do Grito dos Excluídos até as comemorações do bicentenário da independência. O que se pode esperar da organização da Semana da Pátria, na qual se comemora, no 7 de setembro, a Independência do Brasil, em 2022?

Palavras-chave

Bicentenário – Independência – Movimentos Sociais – Grito dos Excluídos – Memória Política.

Abstract

This reflection contains the general lines of postdoc research (PGMS/UNIRIO) on the production of images in the field of political memories. Work proposal based on the articulation between the concepts of 'semiotic war machine' (Lifschitz), 'image battle' (Oak) and 'image war' (Gruzinski). These concepts are operated in studies on political and cultural memory management in Brazil and Latin American countries. We consider that "claims for fundamental rights by various groups" act strongly in the current public arena in the approach of the bicentennial of Brazil's Independence (2022). Reflecting on these clashes, we found that the nature of public memory policies in Brazil indicated a fruitful direction - until conservative and far-right groups resumed the governmental political scene. Thus, in this text we contemplate the rise of the renewed project of authoritarian power (ORVIL) and its transformations in the context of intensifying struggles for the democratization of Latin American societies. Considering the advent of the Covid-19 Pandemic in March 2020, we sought to understand the impacts of this health emergency on the realization of the *Grito dos/as Excluídos/as* until the commemorations of the bicentennial of (without?) independence. In this current context, what can you expect from the Week of the Fatherland, which celebrates, on September 7th, the Independence of Brazil in 2022?

Keywords

Bicentennial – Independence – Social Movements – Political Memory.

Considerando o advento da Pandemia do Covid-19 em março de 2020, buscamos compreender os impactos desta emergência sanitária na continuidade das manifestações pelo *Grito dos/as Excluídos/as* até as comemorações do bicentenário da independência. O que se pode esperar da organização da Semana da Pátria, na qual se comemora, no 7 de setembro, a Independência do Brasil, em 2022, nesse contexto de crise sanitária? Como os membros do movimento, nacional e continental do Grito dos Excluídos – tendo em vista que se trata de um movimento latino-americano – pretendem promover as manifestações populares? Quais têm sido as estratégias imagéticas e de mobilização espacial serão elaboradas, para contornar as dificuldades de aglomeração dos diferentes grupos?

No âmbito deste breve texto desejamos aprofundar esse debate colocando em foco os usos de fotografias, imagens em movimento, desenhos e grafismos, paisagens sonoras, particularmente nos cartazes produzidos pelo movimento *Grito dos Excluídos* desde 1995. Analisamos o uso de narrativas com recursos imagéticos por esse movimento considerando o impacto das inovações tecnológicas audiovisuais e ao crescimento dos usos da rede mundial de computadores; como uma das estratégias que os grupos organizadores tem priorizado para amplificar seu alcance e difusão.

Temos como campo empírico de investigação mais específico, para esta reflexão, a organização do *Grito dos Excluídos* que ocorre todo ano no dia 7 de setembro, dia da celebração da Independência do Brasil. Com a proximidade do Bicentenário (2022), analisamos os processos de produção de imagens e outros enunciados discursivos no decorrer dos últimos anos desde o início dessas manifestações em 1995.

Como adiantou José Murilo de Carvalho: "O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também (...) por símbolos, alegorias, rituais, mitos.". Assim, nossa pesquisa segue os rastros dos "sinais mais universais (...) como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos" para identificar padrões e configurações na "batalha de símbolos, em busca da conquista do imaginário social", na aproximação do bicentenário da Independência (1990, p. 10).

Na investigação sobre a construção de "programas de imagens" (GRUZINSKY, 2006), ou da "manipulação do imaginário social" (CARVALHO, 1990), não podemos nos esquecer que, segundo Baczko:

> A aceitação ou rejeição dos símbolos propostos poderá revelar as raízes (...) preexistentes no imaginário popular e a capacidade dos manipuladores de símbolos de refazer esse imaginário de acordo com os novos valores. (CARVALHO, 1990, p. 13)

Esse mecanismo só tem eficácia simbólica e política, portanto, caso a relação de significado entre objetos, imagens ou ideias tenham aquilo que Baczko designou de "comunidade de imaginação", ou "comunidade de sentido". Nossa tarefa é tentar explicar e compreender os alcances dessas operações semiológicas na atualidade.

Nossa pesquisa recupera as conclusões que José Murilo de Carvalho ofereceu na obra *A Formação das Almas* (1990), quando escreveu:

> A República brasileira, à diferença de seu modelo francês, e também do modelo americano, não possuía suficiente densidade popular para refazer o imaginário nacional. Suas raízes eram escassas, profundas apenas em setores reduzidos da população, nas camadas educadas e urbanas (p. 128).

Transcorridos duzentos anos da Independência, e mais de cento e trinta da proclamação da República, já há "suficiente densidade popular para refazer o imaginário nacional"? O *Grito dos Excluídos* poderia obter alguma eficácia nessa construção? No trabalho de observação e análise das imagens que compõem os cartazes anuais do *Grito dos(as) Excluídos(as)* desde 1995, encontramos algumas recorrências e regularidades, que podem ser colocados em grupos e subgrupos de imagens. Identificamos os seguintes: País/Pátria (Estado-Nação) – 50%; População[3] – 33%; Justiça/Direitos – 29%; Criança – 20%; Imagem Feminina – 16%; Sistema – 16%; Juventude – 12%. Já em relação aos títulos dos temas observamos a manutenção do padrão: Pátria – 36%; Direitos – 28%; Org. Popular – 20%; Vida – 12%.

[3]O anonimato é a marca das figuras humanas que aparecem nos cartazes. Contudo, no ano de 2019, encontramos uma imagem que tem profunda semelhança com Martin Luther King.

Em 1999, o *Grito* "ultrapassou as fronteiras do Brasil" sendo realizado em vários países das Américas, surge então "el Grito Continental Por Trabajo, Justicia y Vida". No catálogo disponibilizado no portal da Internet, observamos prevalecer a imagem feminina da trabalhadora rural e popular, por vezes deslizando entre as referências étnicas, com destaque para a imagem da mulher mestiça. Igualmente presente a imagem do pássaro branco, provavelmente uma pomba (Espírito Santo?). Ganha destaque a figura de Nossa Senhora, com muita semelhança com Nossa Senhora Aparecida – preta/negra, sob seu manto azul e dourado. Somando a imagem feminina, o pássaro, temos o 'pueblo', o povo reunido, assim como aparecem diversos traços alegóricos religiosos populares: festas, ritos e liturgias...

O fluxo dos cartazes e imagens de 1999 à 2005, seguem inicialmente uma linha estética que parece resultar da mistura entre Paul Gauguin no Taiti, o cubismo europeu, o muralismo latino americano, e o modernismo tropicalista; muito próximo da expressão pictórica de artistas nacionais como Di Cavalcanti e Cândido Portinari, no Brasil. Todavia, a partir dos anos 2000 insere-se o artista equatoriano Pavel Égüez. Em 1999 Égüez criou a imagen que tornou-se símbolo da campanha latinoamericana do *El Grito de los Excluidos*. A partir desta data se realizam edições de cartazes anualmente em mais de 22 países[4]. No Brasil, uma artista que se destaca nesse panorama das artes plásticas expressando com sensibilidade a temática em tela é Edíria Carneiro, na exposição de 2011 intitulada "As Excluídas" ocorrida na Fundação Maurício Grabois, em São Paulo[5].

Esse trabalho voltado para a América Latina e que atinge mais expressão no 12 de outubro, - data na qual os hispano-americanos e latino-americanos em geral, celebram a descoberta da América por Cristóvan Colombo. Nesse dia, em vários países da região, comemora-se o Dia da Raça hispânica; dia da Hispani-

[4]En el año 2004 es nombrado Agregado Cultural en Brasil. Su trayectoria internacional se desarrolla con más de cuarenta exposiciones internacionales por España, Austria, Alemania, México, Centro América, Colombia, Perú, Brasil. Igualmente sus murales se encuentran en Nicaragua, Venezuela, Guatemala, Italia, El Salvador y Ecuador. Desde 1999 inicia un ciclo pictórico denominado "Grito de los Excluidos" con el que recorre América Latina, es un acompañamiento simbólico a la lucha de los movimientos sociales del continente por la interculturalidad, la diversidad y la Paz. Link: https://es.m.wikipedia.org/wiki/Pavel_%C3%89g%C3%BCez Acesso: 6 OUT 2021.

[5]Edíria Carneiro, foi militante casada com João Amazonas, ex-dirigente do PCdoB. É notável a semelhança dos traços com algumas das obras de Pavel Égüez e com a sequência de imagens dos cartazes do movimento. É possível acessar parte de sua obra iconográfica no portal: https://www.tubodetinta.com.br/index.htm Acesso: 6 OUT 2021.

dade. Nessa data tem ocorrido diversas manifestações anticolonialistas com a presença de vários grupos contrários a esta celebração[6].

Em nosso trabalho traçamos algumas linhas sobre esses embates e confrontos, verdadeiras batalhas de imagens, no contexto mais global e europeu. No caso mais específico de nossa pesquisa empírica, nossa investigação marca sua pertinência ao observamos os arquivos e documentos oficiais divulgados pelo *Grito dos/as Excluídos/as*. Após a apresentação do histórico do movimento, narrando ações desde 1995, encontramos nesses documentos disponibilizados pela Internet, em portais do movimento social e outras mídias, a indicação da seguinte "dica":

> Para a participação efetiva dos excluídos, as manifestações do Grito devem priorizar a simbologia, a criatividade e a mística. As imagens falam mais que textos e discursos. A linguagem simbólica deve ser priorizada a linguagem escrita e discursiva[7].

Nossa pesquisa trilha as pistas que o próprio movimento social está seguindo ao almejar elaborar e produzir um imaginário para a "participação efetiva" da população na construção de uma nova sociedade, que, segundo seus membros, resultará de um Projeto Popular para o Brasil[8]. Como está enfatizado no docu-

[6]Na Argentina, por exemplo, um decreto assinado pela presidenta Cristina Fernández de Kirchner, em 2010, substitui essa denominação por *Dia da Diversidade Cultural Americana*. Em muitas cidades norte-americanas, incluindo Minneapolis e Seattle, o dia deixou de se chamar *Columbus Day* (Dia de Colombo) e virou *Dia dos Indígenas*.

[7]"DICA" presente nas últimas consultas aos arquivos e documentos na Internet; especialmente os portais: http://cebsdobrasil.com.br/2018/04/29/grito-dos-excluidos-as-20181a/ Acesso: 27 Nov 2019 e https://jornalggn.com.br/noticia/07-de-setembro-grito-dos-excluidos/ Acesso: 27 Nov 2019.

[8]"O Grito dos Excluídos tem como finalidade não apenas a crítica do modelo neoliberal, mas também a preocupação propositiva de buscar alternativas. Daí seu duplo caráter, de protesto e afirmação, de denúncia e anúncio. Em síntese, seu horizonte último é abrir canais para a construção do Brasil que queremos, e no contexto atual, dizer o que Não Vale e o que Vale para a construção e participação no destino da nação." http://cebsdobrasil.com.br/2018/04/29/grito-dos-excluidos-as-20181a/ Acesso: 27 Nov 2019.

mento em destaque, para realizar essa tarefa é preciso lembrar: "as imagens falam mais que textos e discursos"[9].

Qual o resultado desse esforço? Como avaliar a produção do programa imaginário do movimento? Na aproximação das celebrações do Bicentenário da Independência, o *Grito dos/as Excluídos/as* está em condições de rivalizar com o programa oficial de comemoração histórica elaborado pelo Estado-nação; sob a coordenação do governo de plantão no Planalto[10]?

Nesse particular, devemos considerar o fato de que nas eleições de 2018 apenas o Partido dos Trabalhadores tenha incluído, no seu programa de governo, uma proposta de organização da comemoração do Bicentenário; na inscrição das plataformas políticas rivais para o segundo turno da eleição para presidente. No entanto, é sabido que desde 2010 o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva solicitou a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), ligada ao Gabinete da Presidência da República, na pessoa do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, a elaboração do *Plano Brasil 2022*. Com a vitória do grupo de oposição, de extrema direita, as expectativas de sua implantação são nulas. Os atuais governistas trabalham com o projeto *Brasil 200*, divulgado ainda de forma incipiente em algumas mídias.

De que modo o *Grito* fará frente ao programa de imagens promovido pelos grupos sociais favoráveis a manutenção do *status quo*? Quais os próximos atos que marcarão as batalhas de imagens na comemoração do Bicentenário? Como se configurará o desenrolar dessas batalhas semióticas, nos novos capítulos da longa guerra das imagens na América Latina?

Tendo em vista as possibilidades da representação acolher o sentido do destino das imagens (RANCIÈRE, 2017) em relação ao lema da nacionalidade na

[9]No texto de história do movimento do Grito dos/as Excluídos/as, que se encontra no Portal na Internet, adiciona-se entre as "sugestões de como organizar o Grito" o seguinte tópico: "Priorizar a linguagem simbólica, criativa e poética aos discursos". https://www.gritodosexcluidos.com/historia Acesso: 3 Nov 2020.

10 Nesse particular, devemos considerar o fato de que nas eleições de 2018 apenas o Partido dos Trabalhadores tenha incluído, no seu programa de governo, a organização da comemoração do bicentenário, no segundo turno da eleição para presidente. Entretanto, é sabido que desde 2010 o presidente Luiz Inácio Lula da Silva solicitou a Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), ligada ao Gabinete da Presidência da República, que na pessoa do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, coordenou a elaboração do *Plano Brasil 2022*. Com a vitória do grupo de oposição, e de extrema direita, ao poder, a expectativas são nulas de que esse documento seja utilizado como referência. Os atuais governistas trabalham com o projeto *Brasil 200*.

contemporaneidade, e indagando sobre a potência do irrepresentável e sua dialética, procuramos alinhavar por fim as linhas de força dessa reflexão.

No momento de concluir, cabe acrescentar um alerta lançado pelo sociólogo brasileiro Laymert de Sousa Garcia: "(...) A esquerda brasileira nunca ter[ia] feito a crítica de fundo da mídia. E nem da tecnologia. A posição de esquerda de partidos, sindicatos etc. é de que os meios são neutros e tudo depende de quem se apropria dessa técnica e, portanto, quando chegar o momento de a esquerda estar no poder, se faz uma inversão de signos."[11] Esse é um importante desafio, qual seja, operar uma análise que coloque em xeque o próprio veículo, o meio, a mídia, e suas formas e dispositivos de encenação e colonização dos imaginários. Tal perspectiva se associa àquela inicialmente apresentada com José de Souza Martins, quando provoca os cientistas sociais nos cuidados e no trato com a imagem, pois se "depende do reconhecimento da imagem fotográfica como documento do imaginário social, e não preponderantemente como documento da factualidade social" (2008, p. 174).

No caso empírico que estamos acompanhando mais recentemente relaciona-se a produção de imagem e representações do movimento do *Grito dos Excluídos* nos cartazes e faixas elaborados desde 1995, no Brasil. Percebemos a dificuldade do movimento de "representar" em imagens o legado de suas lutas. Sua produção imagética repetitiva e pouco elaborada parece indicar uma dificuldade de representar o "irrepresentável" de uma nova "nação" a ser imaginada para

[11]Trecho completo da entrevista do sociólogo Laymert Garcia dos Santos: "(...) A esquerda brasileira nunca ter[ia] feito a crítica de fundo da mídia. E nem da tecnologia. A posição de esquerda de partidos, sindicatos etc. é de que os meios são neutros e tudo depende de quem se apropria dessa técnica e, portanto, quando chegar o momento de a esquerda estar no poder, se faz uma inversão de signos. Isso é o máximo que a esquerda pensou sobre essa questão, e há muitos anos venho pensando e batalhando por um outro entendimento, porque não é possível você considerar a tecnologia como algo meramente instrumental, quando ela modifica completamente todos os tipos de relação. A tecnologia, sobretudo depois da virada cibernética, mudou a vida, o trabalho e a linguagem. Ou seja, mudaram as relações. Nessas condições, se você não fizer uma crítica de fundo, vai acabar fazendo aquilo que critica em seu adversário, vai fazer isso achando que colocou um conteúdo de esquerda, mas as práticas serão as mesmas. Assim, vai ser tão manipulatório e antidemocrático quanto antes e, de certo modo, desconhecendo o próprio potencial que a tecnologia traz" (REVISTA FÓRUM, 2013).

acolher os "excluídos"[12]. Algo que nos parece remeter ao que Rancière designa como "falha na regulagem estável entre o sensível e inteligível" (2017, p. 140).

Observamos nos exemplos citados que a eficácia mágica dessas imagens é concreta, reaparecendo nas ruas, e ressurgindo de modo significativo nas manifestações políticas dos últimos anos; imagens que se julgavam mortas e esquecidas[13]. No caso das manifestações mais recentes (Brasil/2015-6) foi consideravelmente inquietante vermos ressurgir imagens e *slogans* de mais de trinta anos atrás, colonizados há décadas e que testemunhamos produzir ainda efeitos de mobilização de massa; como por exemplo, nas variações do lexema: "ame-o, ou deixe-o"! Fica evidente a eficácia da propaganda do período da ditatura civil-militar, de um modo e alcance jamais esperado.

É necessário vasculharmos nossos arsenais teóricos para compreender como "memórias enxertadas" (Gruzinski, 2006) há décadas podem ser reencenadas num período que considerávamos ter operado rupturas profundas no imaginário social; como o processo de redemocratização e a consolidação da Constituição de 1988.

No âmbito dessas reflexões, consideramos que o conceito de "memórias enxertadas" se coaduna as reflexões da chamada "esquerda lacaniana" quando coloca em cena o "ato inaugural", supondo um sujeito que o institui. Nesse ponto também nos aproximamos do debate sobre "a subjetivação política e suas vicissitudes"[14], perspectiva fecunda para o alargamento de nossa compreensão do funcionamento da estrutura das interpelações dos sujeitos políticos na atualidade. De acordo com essa vertente teórica, "o sujeito político não é algo predetermina-

[12]Estamos tangenciando um debate importante, que, no entanto, não é objeto central desse texto. Trata-se da referência as reflexões de Enrique DUSSEL acerca do "conceito de vítima", explicitado mais especificamente na obra *Filosofia da libertação - crítica à ideologia da exclusão*, quando o filósofo argentino sublinha: "O excluído é um efeito colateral necessário da dinâmica do mercado." (DUSSEL, 1995, p. 18). E, como destaca Gedeon Oliveira, "o conceito de vítima em Enrique Dussel constitui uma proposta hermenêutica que visa problematizar a ideia de ☒ética☒ no campo do pensamento filosófico de modo geral e da filosofia latino-americana, de modo particular." (OLIVEIRA, 2019, p. 12).

[13]Difícil deixar de reportar-se a Karl Marx, 'O 18 Brumário de Louis Bonaparte' (1869): "A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxilio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, para, com este disfarce de velhice vulnerável e esta linguagem emprestada, representar a nova cena da história universal" (MARX ENGELS, 1982, p. 417).

14 A propósito, esse é o título de um dos capítulos do livro de Zizek *O sujeito espinhoso* (2011).

do, em termos da classe social, lugar nas relações de produção, etc, mas sim um sujeito que emerge da própria singularidade do ato"[15] (LIFSCHITZ, 2019, p. 20).

Como aponta Lifschitz, no texto de Laclau, "é impossível determinar *a priori* quem serão os atores hegemônicos nessa luta" (LACLAU, 2013, p. 223). Isso explica então porque a "emergência do sujeito político" sempre surpreende, pois, essa subjetivação se articula sob diferentes coordenadas teórico-políticas. Ainda segundo Laclau, só é possível compreender essa articulação subjetiva considerando as operações de construção de hegemonia (LACLAU, 2013, p. 185). É aqui que nos parece adequado seguir as sugestões de Gruzinsky quando invoca *Blade Runner* e as memórias enxertadas nos 'replicantes'. Como estamos numa nova fase de construção das subjetividades políticas na atualidade, os investimentos no teatro das memórias políticas podem explicar de que forma as emergências políticas, - tanto do lado das forças de manutenção do *status quo*, como do lado das resistências contra o *stablishment* -, promovam a reificação das estruturas de sentido dominantes, oficiais, autoritárias, ou as formas de resistência contestatórias e insurgentes. Entrementes, tanto num caso como no outro, sujeitos políticos antagônicos, representam articulações subjetivas nos polos em conflito.

Parece que a negligência das análises semiológicas e políticas das imagens e do imaginário social, em relação aos crimes cometidos no período nefasto do autoritarismo militarista, causaram impactos de efeito retardado no tecido social[16]. Além da ausência de análise sobre as novas tecnologias da imagem, que como vimos não é neutra, é preciso aprofundar e ajustar as contas com a violência e terror promovidos no período; da mesma forma que na operação de análise da eficácia dos veículos de propaganda e do próprio *meio* que emite as mensagens. Sobre este aspecto Laymert Garcia dos Santos destaca na entrevista *Demasiadamente Pós-Humano* ao periódico *Novos Estudos*: "Acho que precisamos, no Brasil, de um estudo aprofundado sobre a questão da tecnologia como fetiche, de como ela é apropriada como uso suntuário e ostentação" (2003, p. 163).

Destarte, com o fim desta reflexão ressaltamos a importância de avançarmos num estudo sobre as possibilidades de uma "política da visão". Trabalho que deve ser feito para além das análises das fotografias e imagens "enxertadas", avançando para todas as dimensões das violências e terrores submetidos aos governa-

[15]Nesse ponto o autor se refere a alguns atos que considera inaugurais "– como as manifestações de 2013, as ocupações de escolas e o #elenão - na constituição de novos sujeitos políticos" (LIFSCHITZ, 2019c).

[16]Talvez, como enfoque mais específico pudéssemos nos referir a "memória visual", como um dos enquadramentos sociopolíticos fundamentais do olhar.

dos. A gestão do teatro das memórias políticas e sociais, no sentido empregado por Henri-Pierre Jeudy (1990), necessita operar um tratamento terapêutico das heranças e tradições de insurgência.

Nessa direção, realizamos trabalho associado as investigações e análises de Gruzinsky, por exemplo, em relação a ficção de *Blade Runner*, ao evitar o destino de replicantes de programas inoculados para ações não-reflexivas, - tais como a que testemunhamos nos últimos anos nas ruas das grandes cidades brasileiras. Episódios que muitas vezes passaram por anedóticos, mas para os quais a sua compreensão plena necessita do exercício de análises semiológicas alargadas. Pois, como instigou Jean Baudrillard, com a sua teoria irônica:

> Os clones já estão aí, os seres virtuais já estão aí, somos todos replicantes! No sentido que, como Blade Runner, já é quase impossível distinguir o comportamento propriamente humano de sua projeção na tela, de seu duplo em imagem e de suas próteses informáticas (2005, p. 156).

Talvez uma política da visão nos ofereça instrumentos para compreender as consequências do alerta da estandartização, ou modelização, do olhar em curso em nossa sociedade. Numa sociedade em que a mídia está nas mãos de oligarquias poderosas, comprova-se a necessidade da luta contra a manutenção do controle desse poder midiático das empresas emissoras e repetidoras. Todavia, não se pode esquecer, não basta trocar os signos e sinais das mensagens transmitidas, é preciso ir mais além na análise desse poder mágico e reticular:

> Quando a modernidade chega ao fim, o homem parece estar perdendo a capacidade de perceber e imaginar, isto é, de produzir as imagens que conferem sentido à sua experiência, parece estar abdicando do exercício da potência da percepção, do "eu posso" do olhar (SANTOS, 2003, p. 180).

RECEBIDO EM 18/11/2021
APROVADO EM 29/12/2021

Referências

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1985
BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina. 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 1990.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. **A Imagem Barroca da Civilização Latinoamericana**. In: V SOLAR - Congresso da Sociedade Latino-Americana de Estudos sobre América Latina e Caribe. São Paulo. Resumo das Comunicações. São Paulo: EDUSP. v. 1. p. 15-16. 1992.
___. **Festim Barroco: a festa dos prazeres**. São Luís: EDUFMA. 2008
___. **Teatro das memórias: ensaios sobre ação cultural na atualidade**. São Luís: EDUFMA. 2013.
___. **Guerra das imagens e memórias enxertadas: monumentos, museus e memórias históricas em conflito**. 6ª Reunião Equatorial de Antropologia. MR 14 - Os usos de imagens e a produção de significados. Salvador. 2019
___. **Batalha das imagens e memórias enxertadas: gestão política e cultural dos monumentos, museus e memórias históricas**. XI Seminário Internacional de Políticas Culturais. CCRB. Rio de Janeiro. 2020a.
___. **Batalha das imagens no bicentenário da independência**. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. GT 15 - Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos. 2020b. https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=57

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação - crítica à ideologia da exclusão**. São Paulo: Paulus, 1995

GRUZINSKY, Serge. **A guerra das imagens: de Cristóbal Colón à "Blade Runner" (1492-2019)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LACLAU, Ernest. **A razão populista**. São Paulo: Editora Três Estrelas. 2013.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Sobre as manifestações de junho e suas máscaras**. Revista Dilemas – Revista de estudos de conflito e controle social, UFRJ, v. 6, n. 4. 2013.

___. **Os agenciamentos da memória política na américa latina**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 29 n° 85, p. 145-225. 2014.

___. **Em torno da memória política**. Morpheus: Rio de Janeiro, v. 9, n. 15. p. 67-82. 2016.

___. **Los espectros de las dictaduras militares en América Latina**. Estudos IberoAmericanos, v. 44, n. 2, p. 340-353, maio/ago. Porto Alegre. 2018a.

___. **O avesso do golpe no Brasil: formas de resistência**. Revista Teoria e Debate, ed. 174, Sociedade. 2018b: https://teoriaedebate.org.br/2018/07/11/o-avesso-dogolpe-no-brasil-formas--de-resistencia-e-sujeito-politico/

___. **Brasil, política e vertigem**. e-l@tina, Revista Eletronica de Estudos Latinoamericanos, v. 17, n. 68, Buenos Aires, jul/set. 2019a

___. Atos inaugurais e política na américa latina atual. Psicanálise & Barroco em revista | Edição Especial: **Psicanálise e Política: versões e reversões do mundo e do imundo**. v.17, n. 02 | outubro. 2019b

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto. 2008.

MARX ENGELS. **Obras escolhidas**. Tomo I. Lisboa: Edições "AVANTE!". 1982

OLIVEIRA, Gedeon José de. *O conceito de Vítima em Enrique Dussel*. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA. João Pessoa, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2012.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias**. São Paulo: Ed. 34. 2003